HVMANITAS

[Recensão a] Tucídides - História da guerra do Peloponeso

Autor(es): Oliveira, Francisco de

Publicado por: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/23227>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_63_86

Accessed : 26-Apr-2023 13:49:12

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

humanitas

Vol. LXIII
2011

de parecerem repetitivos para quem faz uma leitura contínua. O mesmo se passa com a reiterada identificação do termo *Vrbe* com Roma.

Trata-se, portanto, de uma obra importante, que muito contribui para o conhecimento de Tácito, e que se apresenta elaborada numa perspectiva didáctica. Creio que o volume sairia bastante enriquecido com um índice onomástico, de que pessoalmente senti a falta. Mas este índice poderá eventualmente figurar no último volume, se for essa a vontade do autor.

Notas. ANN. 11.22.2: O acesso a cargos públicos era o prémio da virtude do carácter.

A origem dos questores.

11.24: discurso de Cláudio – a diversidade étnica dos romanos desde a origem.

JOSÉ LUÍS L. BRANDÃO

TUCÍDIDES, *História da Guerra do Peloponeso*, tradução, prefácio e notas introdutórias de Raul M. Rosado Fernandes e M. Gabriela P. Granwher, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, 822 pp., ISBN 978-972-31-1358-7.

A presente versão da *História da Guerra do Peloponeso* é um exemplo de leitura agradável, servida por opções que facilitam a leitura sem deixarem de respeitar rigorosamente o original. A organização do volume parece mesmo privilegiar uma leitura fácil, optando por não inserir notas, substituídas por um glossário (pp.761-766). Acrescem uma bibliografia e um bom índice onomástico.

Nada havendo a objectar à tradução de um texto que é basilar na cultura ocidental e na historiografia em particular, é com muito apreço que felicitamos o Prof. Rosado Fernandes pela sua extraordinária Introdução. Sob o pretexto de uma apresentação académica da temática da obra de Tucídides, é-nos oferecida uma profunda reflexão sobre a actualidade dos clássicos a partir deste monumento da historiografia grega.

De facto, as observações de Tucídides sobre história militar e política, sobre a condição humana em geral e certas personalidades históricas, permitem estabelecer paralelos sistemáticos entre o mundo antigo e a posteridade, o mundo actual em particular, para ver como, mesmo com um

maior acervo de tecnologia, o homem moderno e de hoje enfrenta os mesmos problemas basilares que se colocavam no séc. V aC no mundo que gravitava à volta do confronto entre Atenas e Esparta.

Assim, definido o racionalismo como uma das mais importantes características de Tucídides, a par com a crença no valor do ser humano e o domínio da respectiva psicologia, em linha com a evolução científica do seu tempo, Rosado Fernandes contrapõe a proveniência divina da peste em Homero à explicação tucididiana para a peste de Atenas (2.48 ss.), que teria sido importada por via terrestre e marítima de países longínquos como a Etiópia, via Egipto, Líbia e territórios do Grande Rei até atacar “primeiro as gentes do Pireu”. Tucídides “segue um método científico que ainda hoje é válido e mais válido ainda devido à crescente globalização provocada pela assustadora multiplicação de transporte de pessoas e de animais, que podem ser transportadores dos vírus das epidemias e pandemias, e o porto do Pireu era o local indicado para os desembarcar” (p.27; cf. p.8). A mesma explicação racionalista, servida por excelente capacidade de observação, é referida a propósito de tsunamis provocados por terramotos (p. 16, sobre Th.3.89).

Nesta relação entre o hoje e o ontem, Rosado Fernandes enquadra na sua pessoalíssima introdução eventos históricos da Europa, da Ásia, da África e das Américas, sem menosprezar a história de Portugal. É bom de ver que, com tal atitude, Rosado Fernandes também perfilha a posição clássica de que a história pode ser mestra da vida. Veja-se o que se escreve na p.29: “É interessante, ao comparar o passado com o presente, quando verificamos que vai ser a potência democrática que dá azo à guerra, desafiando discretamente Esparta, que, por medo de vir também a ser conquistada, inicia as hostilidades. Nos tempos correntes, vamos ver, com outros cambiantes e por mais de uma vez, os democráticos Estados Unidos da América a iniciar campanhas e guerras, justificando essas acções bélicas pelo desejo de defender a liberdade e a democracia de que gozam os seus aliados”. Em relação às imprescindíveis alterações da táctica militar dos hoplitas quando confrontados com perigosos inimigos bárbaros dotados de armamento mais ligeiro e com maior mobilidade, também se recorda na p.33: “Ainda hoje se vê o que acontece entre forças desiguais, umas que representam a suma tecnologia, e outras que, com imitações dessa mesma tecnologia avançada, lhes infligem derrotas surpreendentes. As sucessivas derrotas no passado e no presente de ingleses e russos no Afeganistão, a que se juntam as actuais dificuldades, são a prova concludente disso mes-

mo”. De igual modo, anota Rosado Fernandes que a “aventura da Sicília lembra as imprudentes invasões da Rússia, levadas a cabo, com sinistros resultados, por Napoleão e Adolfo Hitler... Quanto à história portuguesa pode lembrar-se a trágica campanha de Alcácer Quibir, no Norte de África” (p.36) ou “as partidas de tropas para a guerra, no caso português, por exemplo, para a guerra do Ultramar” (p.50). A chacina dos Mélios é comparada a idênticas mortandades no Vietname, no Camboja ou entre os Cátaros da Provença, com a anotação de que “foram os mais fortes que fizeram a matança” (p.23). Tão pouco admira que, a par de personalidades antigas tão peculiares e famosas como Péricles, Cléon, Nícias, Alcibíades, apareçam Churchill, Isabel I, Kennedy, Salazar e Saddam Hussein, entre outros. E se a decisão de Péricles de criar uma força naval evoca o investimento da Inglaterra na Royal Navy, o discurso de Cléon contra a revolta de Mitilene, que propõe abafar com um banho de sangue para evitar o precedente que abalaria o imperialismo ateniense, logo traz à lembrança o discurso do Presidente do Conselho português a propugnar que Goa fosse defendida até ao último homem. “Ele sabia que o precedente da negociação da entrega de Goa significava o fim do Império” (p.43).

Sirvam estas observações breves, que não menosprezam as excelentes considerações mais especializadas sobre o estilo, as fontes e a recepção de Tucídides, para mostrar como o Prof. Rosado Fernandes soube demonstrar que a leitura de um clássico, além de um prazer em si, é uma fonte de ensinamento para a actualidade. É que, quanto ao Homem, apesar do passar de tantos séculos, “nem por isso a sua Natureza mudou” (p.4 do Prefácio).

FRANCISCO DE OLIVEIRA

VASCONCELOS, José Carlos (comissário), *Encontro Internacional. Língua Portuguesa e Culturas Lusófonas num Universo Globalizado*, Lisboa, União Latina, 2010.

Sob a égide da União Latina e com comissariado de José Carlos de Vasconcelos, decorreu, em Lisboa, a 25 e 26 de Outubro do ano passado, um Encontro Internacional sobre o papel da Língua Portuguesa e das culturas que dela derivam, no mundo contemporâneo. Ainda não tinham passado dois meses sobre a realização do evento e já as Actas vinham a público, contendo, em alguns casos, a versão escrita das intervenções (original ou